**A Revolução: tão longe e tão necessária**

*Por Celso Luís Sá Carvalho*

 *Sociólogo / Trabalhador em Educação*

*Militante Político do Ressignificar/Fasubra*

 **1) Introdução**

 O presente texto tem o objetivo de ofertar uma leitura possível do atual momento da luta de classes no mundo, na América Latina e no Brasil. Não se pretende aqui apresentar um artigo de caráter acadêmico, mas tão somente propor uma reflexão na tentativa de buscar precisar alguns elementos que – pensamos nós – estruturam e organizam a atual fase do capitalismo.

 Uma análise da atual conjuntura global precisa considerar dois elementos que estruturam o macro movimento do capital em escala planetária: 1) uma crise estrutural que se abriu nos meados da década de 1970, do século passado, e vem desenvolvendo-se rumo à barbárie, produzindo uma crise civilizatória; 2) a resposta dos Estados-nações às crises econômicas, políticas e sociais engendradas pelo programa neoliberal, com mais neoliberalismo. Frente ao esgotamento do neoliberalismo, mais neoliberalismo é ofertado.

Estas duas dimensões se relacionam de forma orgânica no interior da totalidade do modelo societário do capital. O movimento do primeiro sugere o movimento do segundo, bem como o movimento do segundo aprofunda o movimento do primeiro, em uma espiral descendente, criando uma crise civilizatória. A consigna apresentada por Rosa Luxemburgo, “Socialismo ou Barbárie”, está posta para o atual momento da luta de classes de forma cristalina.

**2) A crise**

Pensemos estes dois elementos, e a partir deles adensemos outros eixos organizativos do movimento global do capital. Não menos importantes, na medida em que acrescentam substância concreta – materialidade – tanto à crise estrutural quanto à espiral descendente imposta pelo programa neoliberal.

Busquemos na teoria da transição (com base em Mészáros) o elemento central que dá sentido e permite compreender o atual momento do modo de produção capitalista: o esgotamento das possibilidades de um futuro para o capital. O modo de produção capitalista[[1]](#footnote-1) é histórico (transitório, portanto). Neste sentido ele deve obedecer a um determinado ciclo: emergir no movimento histórico, desenvolver todas as possibilidades inscritas em suas contradições e chegar aos seus limites, à sua plena maturidade e fenecer na sua superação. A pergunta que se apresenta de imediato é, portanto: o capitalismo chegou ao limite de suas possibilidades? Dizemos que sim. Justamente por conta disso a totalidade do movimento do capital gera a crise estrutural, sendo ela o palco onde se desenvolve uma luta sangrenta entre as classes e grupos sociais em todos os lugares do planeta, acirrando brutalmente, inclusive, a luta entre as diversas frações de classe da burguesia.

Compreender o recrudescimento da direita no mundo, exige às esquerdas ter a clareza do esgotamento do modo de produção capitalista e de que os limites históricos do modo de produção capitalista foram atingidos, abrindo-se o momento do fenecimento (a negação do capitalismo). Não existiria mais possibilidades progressistas alojadas nas contradições do modelo capitalista. Portanto, estaríamos vivendo uma fase de transição: a fase da agonia do capitalismo, materializada em diversas crises, mas, sobretudo, na crise ambiental.

Portanto, sustentamos que compreender o que se passa no Brasil, ou na própria América Latina, ou no Caribe, ou o que ocorre na Grécia, exige este primeiro entendimento: o atual momento histórico é de esgotamento do modelo e, por conseguinte, vivemos para além de uma crise econômica e política, vivemos uma crise do modelo societário. O modelo societário capitalista agoniza, e com ele mais de dois terços da humanidade agonizam juntos, tendo a possibilidade do cenário de uma generalização bélica colocando em risco a própria existência da humanidade. É o dilema do Socialismo ou Barbárie que Rosa não nos deixa esquecer.

**3) O programa**

Passemos para o segundo elemento estruturante: o programa neoliberal. No último quartel do século XX vem à cena uma brutal revolução tecnológica no campo da informação. As novas tecnologias que permitiram a organização e difusão de informações em tempo real, a transmissão de pacotes de dados contendo bilhões de informações permitiu criar uma hipertrofia no sistema financeiro, que se espalhou por todos os lados do planeta.

A base social desse fenômeno foi a fração de classe rentista da burguesia. Aquela que vive estritamente da especulação financeira. Para este setor da burguesia o dinheiro é uma riqueza em si que pode ser reproduzida indefinidamente. Em termos marxianos é a autonomia do valor de troca (autonomia relativa evidente, daí a crise) que se estabelece a partir da lógica – ainda que equivocada – de que dinheiro pode criar mais dinheiro, independente da economia real.

Aqui estamos dialogando com a Teoria do Valor. Não pretendemos desenvolver este ponto, face o propósito do texto. Sugerimos a leitura do livro I do *Capital* de Marx. O que nos importa aqui é sustentar que o programa neoliberal é a expressão de um novo arranjo no interior da classe burguesa que é suscitado pelo avanço brutal do sistema financeiro. Este elemento é central, como já dissemos, na estruturação da atual conjuntura global do capitalismo. Tentaremos desenvolver nos próximos parágrafos.

No interior da classe burguesa convivem diversas frações. Uma classe social não é um conjunto pasteurizado, uniforme e homogêneo. A luta entre estas frações se materializa no processo de competição dentro dos mercados. Esta competição se dá necessariamente com grandes tensões quando o processo de expansão entra em crise, como no momento atual. Quanto maior a crise, mais a luta é acirrada frente a impossibilidade de os mercados realizarem as taxas de lucro. No entanto, podemos – ainda que de forma reducionista – sustentar, para o propósito desta análise, que no atual período histórico ( aqui o período é considerado a partir da década 1970 do século XX, quando se instala a crise capitalista estrutural) a classe burguesa sofreu uma tensão enorme entre a fração rentista e a fração industrial. Isto deve-se a seguinte contradição:

Diante da crise (mercados retraídos, taxas de lucratividade em queda etc.) de acumulação, o capital busca alternativas de valorização. Se os investimentos em produção real, em produção de mercadorias e/ou serviços, não compensam em virtude das taxas de retorno (lucro), a especulação torna-se um caminho fácil de auferir “lucros”.

Ora, este movimento acaba por transformar as instituições financeiras - cujo objetivo inicial seria financiar os empreendimentos, financiar a produção de bens e serviços – em áreas privilegiadas de produção de dinheiro a partir de dinheiro (D-D` e não D-M-D`). Para se ter uma ideia deste processo, no mercado de derivativos estima-se que circulam recursos da ordem de dez vez o PIB mundial. No entanto, a produção de dinheiro no sistema financeiro não é produção de riqueza. Portanto, não contribui em nada para a expansão do sistema, não criando aumento do PIB mundial.

A relação que se estabelece entre os dois capitais é contraditória. O capitalista não encontrando mercados para os seus produtos, ou tendo os empreendimentos produtivos com custos cada vez mais elevados e tendo uma competição acirrada, ele migra para o sistema financeira hipertrofiado que, por sua vez, gera uma elite financeira que aufere grandes ganhos sem investir na produção de novas riquezas. Este movimento acelera a crise que acaba por acelerar também todo o ciclo descrito acima.

Entretanto, o sistema financeiro também não é imune as crises. O processo de dinheiro gerando dinheiro (D-D`) cria, como consequência necessária, bolhas de especulação. Insistimos, por ser fundamento, que o ganho financeiro não é produção de riqueza, logo na expande o capital, não valoriza o valor (importante: valor não é dinheiro; valor se assenta na produção concreta de bens e serviços).

O que assistimos em 2008 foi o estouro de uma bolha. A “crise” de 2008 foi uma inflexão da crise estrutural que persiste a mais de 40anos. O ano de 2008 é a resultante natural de todo o processo de realocação da hegemonia no interior da classe burguesa. Isto significa dizer que novos estouros de bolhas passarão a ser um cotidiano no movimento do capital. A cada estouro um maior aprofundamento da crise estrutural.

Esta contradição, dentro do modelo, tenta ser superada, resolvida, através da hegemonia política e econômica da fração rentista que incorpora o programa neoliberal como modelo societário da nova fase do capitalismo. Entretanto, se a crise é estrutural, estando inserida na lógica do movimento do capital, a contradição não se resolve a partir da falácia de que o Estado precisa ficar “neutro” diante dos mercados e tudo mais se resolveria na mercantilização de todas as dimensões da vida.

**4) Socialismo ou Barbárie**

Toda esta lógica descrita acima ganha sentido quando é possível buscar dados concretos (como por exemplo o curso histórico das taxas de lucratividade) para verificar de fato o movimento do capital em seu propósito de expansão. Uma fonte, dentre outras, pode ser encontrada em Thomas Piketty na sua obra “O Capital no Século XXI”. Em que pese este elemento, o importante para a leitura da conjuntura é justamente perceber que o atual período histórico é estruturado por uma crise capitalista que expressa o esgotamento do modelo societário do capital (o modo de produção capitalista), portanto, a crise só pode ser resolvida na consigna de Rosa: Socialismo ou Barbárie. A luta política atual está circunscrita na tensão entre estes dois polos.

O que faz então a fração hegemônica da burguesia? Ela, em grande medida, reconhece os limites já postos – ainda que de forma inconsciente. Este reconhecimento, e isto é de vital importância, se apresenta justamente na medida exata da proposição programática. É do conhecimento até do mundo mineral as consequências maléficas do programa societário neoliberal. Por onde passou deixou um rastro de miséria, desigualdades, aumento de violência, privatização de todas as dimensões da vida etc. No entanto, a resposta a crise é mais desse programa. Como compreender esta contradição?

Aqui, em nosso ponto de vista, encontra-se a chave para a compreensão da conjuntura, da apreensão da sua lógica. Já dissemos que o atual período histórico da humanidade é caracterizado por uma brutal crise estrutural do modo de produção capitalista. Este elemento configura a transição como momento de negação do capitalismo, no sentido de que ou a humanidade busca saídas civilizatórias, ou mergulha no caos. Este mergulho no caos, por sua vez, é uma superação da contradição, portanto uma saída pela barbárie. Dissemos também que a luta política se inscreve justamente na disputa dos rumos do movimento total do real, na disputa por um modelo societário que negue o capitalismo afirmando um modelo que o supere em uma lógica anticapitalista. Qual o modelo a construir é o grande desafio das esquerdas.

Entretanto, para o conjunto da burguesia, a opção está dada: a superação se dará no reconhecimento de que a humanidade precisa entrar em um momento de seleção. A sobrevivência será dos mais “fortes”, dos mais “aptos”, “dos mais “meritocráticos”. Esta lógica está no cerne do programa neoliberal. Aqui se faz necessário sustentar que o que esta em curso no movimento geral do capital não é um programa econômico ou político para os Estados capitalistas, também não é um programa social apenas – evidente que estas três dimensões estão inscritas no âmago do programa neoliberal – mas uma nova razão do mundo. O que esta em curso é a implantação de uma nova racionalidade cujo elemento estruturante é a ideia de não haver outra saída, de não haver outra razão. O programa neoliberal seria a resultante “natural” do processo de evolução da humanidade.

Aqui se faz necessário citar, portanto, dois insertos do livro A Nova Razão do Mundo / Ensaio sobre a sociedade neoliberal de Pierre Dardot e Christian Laval, quando em suas análises resgatam o pensamento do sociólogo Herbert Spencer produzido no debate interno do campo liberal. Sustenta Spencer uma mudança da perspectiva liberal centrada na especialização da divisão do trabalho para uma perspectiva seletiva. Diz o primeiro inserto: “...*Spencer vai deslocar, assim, o centro de gravidade do pensamento liberal, passando do modelo da divisão do trabalho para o da concorrência como necessidade vital.*..”, e mais adiante os autores dirão que (com base em Spencer) “...*Os menos aptos, os mais fracos, serão eliminados por aqueles que são mais adaptados, mais fortes na luta. Não se trata mais de uma lógica de promoção geral, mas de um processo de eliminação seletiva. Esse modelo não faz mais da troca um meio de se fortalecer, de melhorar; ele faz dela uma prova constante de confronto e sobrevivência. A concorrência não é considerada, então, como na economia ortodoxa, clássica ou neoclássica, uma condição para o bom funcionamento das trocas no mercado; ela é a lei implacável da vida e o mecanismo do progresso por eliminação dos mais fracos..*.”

Ora, os dois insertos falam por si só. Diríamos que a pergunta “o que é o neoliberalismo?” seria bem respondida com o conteúdo destes insertos. Neoliberalismo, do ponto de vista do atual momento histórico, é um darwinismo social na busca de salvar o modo de produção capitalista. Ainda que parte da burguesia não tenha acordo com esta saída, a “nova razão” lhes impõe o alinhamento.

**5) O recrudescimento da ultradireita, a América Latina e o Brasil**

Se o que dissemos tem sentido no real, tem materialidade, a luta de classe no mundo se faz compreensível. Se o que está em curso é a implantação de um darwinismo social onde poucos sobreviverão e muitos perecerão, a barbárie é o próprio programa neoliberal. Enfrentá-lo não se trata de apresentar um programa alternativo, seja ele econômico, político, ou social. Trata-se de travar uma luta pelo fim do modo de produção capitalista, travar uma luta em nome do futuro da humanidade, trata-se de fazer a revolução.

A única forma possível de implantação da barbárie neoliberal é a violência do Estado dirigida contra todas as forças progressistas. Se faz necessário de passar de um quadro onde a burguesia hegemoniza os Estados capitalistas, para o efetivo controle desses Estados. Portanto, o que se faz necessário é transformar os Estados capitalistas em verdadeiros Estados burgueses, sem contradições no seu interior. Quem faz isso? Qual a base social desse monstruoso movimento? Como se faz isso?

A resposta passa pelo resgate da ultradireita. Uma reconfiguração dos Estados liberais/democráticos em Estados fascistas. Aqui pensamos que esta lógica explica o brutal avanço da extrema direita na Europa; nos Estados Unidos; na derrocada da Primavera Árabe; no renascimento do nazismo em diversos países; na onda conservadora/fascista na América Latina. Nesta última região, com a retomada dos golpes de Estados, ainda que tendo uma nova roupagem, como aconteceu em Honduras, no Paraguai e no Brasil, ou na tentativa no Equador, na Argentina um ano antes da vitória da direita nas eleições, sem falar na Venezuela que ocorreu uma tentativa à moda antiga, e assim por diante.

O programa neoliberal na perspectiva descrita acima traz consigo a necessidade de superação do quadro democrático. A democracia, ainda que liberal, precisa dar lugar a Estados de corte fascista. Somente um regime de força é capaz de subjugar os povos para que aceitem a nova fase do modelo societário do capital.

Por fim, e não menos importante, é preciso registrar que na região latino-americana e caribenha, no início do século XXI, passaram a existir governos progressistas. Estes governos, cada um ao seu modo, respeitando suas formações históricas – caso típico do Peru, Bolívia, Venezuela, onde a questão indígena é central – desencadearam uma onda de tentativas de construção de ambientes pós-neoliberais. O processo de articulação do que passou a ser chamado de relação Sul-Sul, criou uma possibilidade de formação de um novo bloco hegemônico na política internacional.

A criação dos BRICS, da UNASUL, da CELAC, apontou para a possibilidade real de um bloco de forças capaz a médio e longo prazo desafiarem o predomínio do império norte-americano. Para além disso a presença do Brasil – na ocasião a sexta maior economia do mundo – como um dos líderes deste processo, levou os EUA a girarem novamente para o que eles consideram o seu quintal político e econômico. Este giro veio com uma política de retomada de espaço. Daí o fortalecimento do campo conservador e a retomada dos golpes de Estado, com uma roupagem nova: golpes que tem como sustentáculos institucionais os poderes judiciário e legislativo.

É dentro deste quadro que devemos apreender a conjuntura econômica, política e social da região, e entender a base de sustentação social do conservadorismo na região: uma classe média profundamente colonialista/reacionária e uma burguesia de fortíssimo corte colonial. No Brasil, a classe média tradicional – com histórico corte escravocrata – tornou-se a base social de sustentação do golpe, com seus aparelhos de representação, como é o caso da mídia monopolista e o poder judiciário.

E este elemento é central para compreender a manutenção do golpe, no caso do Brasil, e a mobilização desse mesmo setor em outros países da região. O sucesso do golpe em Honduras e no Paraguai deveu-se ao aceite deste setor social, também. Observação: a regra da implantação de regimes fortes, necessariamente, atinge, no momento seguinte da continuidade do golpe, esta mesma classe média, como aconteceu no Estado Novo e na ditadura civil/militar no Brasil.

Terminamos este breve texto de análise da conjuntura, em seu sentido global, dizendo que os elementos estruturantes do atual momento histórico do modo de produção capitalista, dissertados acima, dão conta da lógica organizativa do período. Entretanto, para a compreensão mais fina das conjunturas locais é necessário um processo, também profundo, de apreensão das nuances existentes no movimento do capital nestes respectivos países. No Brasil, por exemplo, é preciso apreender o processo histórico de formação da sociedade brasileira para entendermos o quanto nossa classe média privilegiada, escravocrata, antidemocrática, teve, e tem, um papel fundamental na existência do conservadorismo no Brasil.

Entender o golpe no Brasil, e toda onda conservador/fascista que se levanta na América Latina e no Caribe, passa por compreender sim os traços mais gerais, do ponto de vista internacional, mas também passa por entender a formação histórica das diversas sociedades da região e o papel desta mesma região para o processo histórico de reprodução da sociedade liberal. Enfrentar este momento, mais do que em toda a história da região, é afirmar a necessidade de superação da ordem capitalista na perspectiva do socialismo. É isso ou a barbárie neoliberal. Rosa vive mais do que nunca e a Revolução, aparentemente tão longe, se torna, também, no movimento global, uma necessidade de sobrevivência da humanidade. Viva a Revolução.

1. Aqui queremos registrar que capitalismo e capital são coisas diferentes, no entendimento de István Mészáros. Como nos diz Ricardo Antunes, em sua apresentação do livro de Mészáros intitulado *A Crise Estrutural do Capital:* “…É decisivo aqui ressaltar que, para Mészáros, *capital* e *capitalismo* são fenômenos *distintos*. O sistema de capital, segundo esse autor, antecede o *capitalismo* e tem vigência também nas sociedades pós-capitalistas. O capitalismo é *uma* das formas possíveis da realização do capital…” (MÉSZÁROS, 2011, pg. 10). Nos filiamos a este entendimento. Entretanto, não vamos desenvolver este aspecto. [↑](#footnote-ref-1)